

E-BOOK

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ASSENTAMENTOS DE
TRABALHADORES SEM TERRA**



2024



S586e

Silva, Neide Batista Moreira
Educação inclusiva em assentamentos de trabalhadores em terra
[Recurso eletrônico]. / Neide Batista Moreira Silva; Noemi
Nascimento Ansay
-- Paranaguá: Unespar, 2025..
32.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em
Rede Nacional – Área de Concentração: Educação Inclusiva) –
Universidade Estadual do Paraná.

ISBN: 978-65-86807-84-4

1. Assentamentos rurais. 2. Educação no campo - Paraná. 3.
Educação Inclusiva. 4. Formação de professores. I. Ansay, Noemi
Nascimento. II. Universidade Estadual do Paraná. III. Título. IV. A
educação especial na perspectiva da educação inclusiva: um
estudo no assentamento Pontal do Tigre no Estado do Paraná

CDD 371.829981
23. ed.

Ficha catalográfica elaborada por Leociléa Aparecida Vieira – CRB 9/1174.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS.....	4
APRESENTAÇÃO DO E-BOOK.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
A EDUCAÇÃO NO MST.....	9
A METODOLOGIA SEM TERRA.....	11
A EDUCAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS.....	12
PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DO MST.....	14
EDUCAÇÃO RURAL, NO CAMPO OU DO CAMPO ?.....	15
A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	16
ASPECTOS IMPORTANTES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	17
IDENTIDADE DA ESCOLA DO CAMPO.....	18
MÉTODOS E PRÁTICAS PARA ADAPTAR ATIVIDADES.....	20
CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	21
CONSIDERAÇÕES PARA PRÁTICA INCLUSIVA.....	22
ALGUMAS ESTRATÉGIAS IMPORTANTES.....	23
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O CAMPO.....	24
EXEMPLOS DE METODOLOGIAS EFICAZES.....	25
COMO ORGANIZAR UMA AULA INCLUSIVA.....	26
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	27
LEITURAS ADICIONAIS.....	30
CONCLUSÕES.....	31
SUGESTÕES DE FILMES E VÍDEOS.....	31
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>32</u>

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Neide Batista Moreira Silva

<http://lattes.cnpq.br/789540873104512>.



Pedagoga da Rede Estadual de Ensino do Paraná - Colégio Estadual Humberto de Campos - Querência do Norte - PR. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional - PROFEI - UNESPAR. Graduada em Pedagogia - Universidade Castelo Branco (2009) e em Normal Superior - Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu (2005). Pós- Graduada em Educação

do Campo, Educação Popular e EJA - FECILCAM - Campo Mourão (2006). Pós-Graduada em Educação Especial Inclusiva (2012) e em Psicopedagogia - Práticas Interventivas - UNISOCIESC (2014).

Graduada em Filosofia - UNIPAR (2020). Representante de município - APP Sindicato - NS - Paranavaí. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação da Diversidade do Campo (GESPEDIC - UNESPAR - Paranavaí - CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino e Práticas Inclusivas (GPEPI - UNESPAR - Paranaguá - CNPq). Atuou como professora da Rede Municipal de Ensino do município de Querência do Norte por 22 anos, sendo 14 deles, na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes - Assentamento Pontal do Tigre.

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Noemi Nascimento Ansay

<http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>.



Possui Graduação em Bacharelado de Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (1992), Pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Tuiuti (2002), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2009) e Doutorado em Educação pela UFPR (2016) no Programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa de Políticas Educacionais.

Diretora da Faculdade de Artes do Paraná, Campus II - Portaria 962/2020 Reitoria/ Unespar. Professora adjunta, nível C, orientação de trabalhos de conclusão de curso e orientadora do Programa de Iniciação Científica. Faz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia - NEPIM-CNPq. Professora do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI). Membro do Conselho Estadual da Pessoa com Deficiência Membro da Comissão Universidade para Índios - CUIA - Campus Curitiba II. Portaria 09/2020 DG. Mediadora do Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI). Tem experiência na área de Musicoterapia, Psicopedagogia e Educação, com ênfase em Educação Inclusiva e Educação de Surdos/as. Escritora dos livros: O Ensino Superior para Estudantes com Deficiência no Chile e no Brasil (2019) Ciranda das Letras: a poética do alfabeto (2013, acessibilidade em LIBRAS) e Portas Abertas (2010). CPMT 078/94-PR.



APRESENTAÇÃO DO E-BOOK

6

Este documento apresenta o recurso educacional oriundo da pesquisa realizada no curso de Mestrado Profissional em Educação Especial Inclusiva do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

O processo de desenvolvimento do recurso educacional, os estudos dos conceitos abordados e os resultados da pesquisa deram origem à dissertação **“A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO NO ASSENTAMENTO PONTAL DO TIGRE NO ESTADO DO PARANÁ”**, na qual o/a leitor/a poderá encontrar mais detalhes sobre a pesquisa realizada.

O recurso educacional **“EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ASSENTAMENTOS DE TRABALHADORES SEM TERRA”** tem o formato de um E-book de acesso gratuito com conteúdo que busca reunir informações que possam contribuir com a atuação de professores em escolas de assentamento, enfatizando a educação inclusiva.

O público principal são professores e gestores que desejam sugestões de práticas pedagógicas para desenvolver o trabalho com estudantes do campo, mas não há restrição de uso por outros grupos interessados.





Esse recurso educacional foi elaborado com o propósito de sugerir ideias de práticas pedagógicas que possam contribuir com a atuação de professores em escolas de assentamento, enfatizando a educação inclusiva. Dessa forma, esse recurso tem por objetivo auxiliar professores e gestores na construção de práticas pedagógicas inclusivas na escola e em sala de aula.

A proposta desse recurso é apresentar práticas e estratégias de ensino elaboradas a partir da pesquisa de campo realizada na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes e pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica. Além disso, ele é destinado a professores e gestores que desejam sugestões de práticas pedagógicas para desenvolver o trabalho com estudantes do campo, visando a inclusão, bem como aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos a respeito da temática.

No contexto das escolas do campo, a relevância da inclusão assume uma importância ainda mais significativa devido a diversos fatores específicos desses ambientes. A inclusão educacional é um princípio fundamental para garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas condições sociais, econômicas ou pessoais.

[...] as populações camponesas e com deficiência são atingidas, diuturnamente, pelo descaso do poder público e, conseqüentemente, por práticas assistencialistas, filantrópicas e caritativas. Essas configurações talvez estejam relacionadas à discriminação negativa pela qual são submetidas as pessoas com deficiência e as que vivem no campo. Diante de mecanismos de diferenciação, que tem como parâmetro de valorização os sujeitos ditos “normais” e “urbanos”, as pessoas com deficiência e as oriundas do meio rural são estigmatizadas como inferiores e, portanto, marginalizadas. (Nozu, 2020p.89).

SAIBA MAIS!!!

NOZU, W. C. S. A Educação Especial e Educação do Campo: sujeitos, movimentos e interfaces. (org). 1. ed. S dos Goytacazes, RJ: Etnografia Editora, 2023.



O QUE DIZ A LDB (1996) ?

A partir da década de 1990, com a promulgação da Constituição Federal e a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), houve uma mudança de paradigma na educação especial.

A LDB determinou que as escolas comuns deveriam matricular todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sensoriais ou sociais.

Com a implementação de políticas de inclusão, foram criados mecanismos para garantir o apoio necessário aos estudantes com deficiência nas escolas regulares. Isso envolve a disponibilização de recursos de acessibilidade (como rampas e materiais adaptados), a formação de professores para lidar com as necessidades específicas desses estudantes bem como, a oferta de suporte pedagógico especializado.

Segundo Martins (2020), a oferta escolar no campo sempre foi questionada pelas suas características e sempre foi vista como sobra da escola urbana, desde materiais, estruturas físicas e até mesmo no que tange a profissionais e conteúdos. Este contexto torna a discussão sobre práticas inclusivas na Educação Especial no campo não apenas relevante, mas urgente. As escolas rurais frequentemente foram tratadas como uma extensão das escolas periféricas urbanas, onde qualquer tipo de educação era considerado suficiente. Além disso, os materiais pedagógicos eram frequentemente remanescentes das escolas centrais urbanas, enviados pelos mantenedores.

De um modo mais elegante, pode-se dizer que a escola e a educação nas áreas rurais sempre tiveram um tratamento periférico por parte dos organismos mantenedores e os sistemas governamentais de ensino. Os sujeitos que compõem essa realidade, não são passivos e por tal razão, iniciaram um processo de contraposição a tais características. Assim, uma série de movimentos que atuam no campo somaram-se aos anseios das comunidades escolares e construíram um percurso de denúncia dessas condições e, ao mesmo tempo, de construção de perspectivas educacionais emancipatórias para os sujeitos do campo. (Martins, 2020, p.23, 24).

A EDUCAÇÃO NO MST

A educação nos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) muitas vezes é organizada de forma autônoma pelos próprios assentados. O MST possui uma visão crítica do sistema educacional tradicional e busca adaptá-lo para atender às necessidades do campo e para promover uma educação mais política e inclusiva. Para o MST, o investimento e a preocupação com a educação são tão essenciais quanto a luta pela Reforma Agrária. A própria estrutura interna da organização reflete essa prioridade, com um setor específico dedicado a essa área: o Setor de Educação. Este setor é responsável por produzir materiais e promover cursos de formação que apoiam o desenvolvimento profissional de seus professores e professoras.

Os Assentamentos do MST possuem uma divisão setorial, que de certa forma distribui a responsabilidade e a descentralização do poder de decisão. Dentre estes, o setor de educação foi criado, especialmente, para cuidar, proteger e lutar pela educação dos assentados e de seus familiares. Este setor influencia diretamente nas decisões referentes à escola, desde o cardápio que será servido, reparos do espaço físico, escolha de cursos e projetos a serem desenvolvidos na escola, até as soluções de problemas decorrentes do cotidiano escolar (Bueno;Paglia,2013, p.203).

Nos assentamentos, o MST geralmente implementa escolas próprias, chamadas de Escolas do Campo, que têm como objetivo fornecer educação de qualidade para as crianças assentadas. Essas escolas buscam focar no contexto rural e na realidade dos assentamentos. Valoriza-se a cultura local, os saberes tradicionais e a agricultura familiar como parte integrante do currículo. Além disso, há uma ênfase na formação política dos estudantes, a fim de incentivá-los a se tornarem sujeitos ativos na luta pela reforma agrária e pelos direitos dos trabalhadores rurais.

Não é possível compreender o sentido da experiência da educação no e do MST se o foco de nosso olhar permanecer fixo na escola. Somente quando passamos a olhar para o conjunto do movimento, e com a preocupação de enxergá-lo em sua dinâmica histórica (que inclui a escola) é que conseguimos compreender que a educação pode ser mais do que educação e que escola pode ser mais do que escola, à medida que sejam considerados os vínculos que constituem a existência desta realidade (Caldart, 2000, p.143).

Além do processo de formação continuada, o MST busca a qualificação político-pedagógica de seus professores e professoras por meio de oficinas e seminários realizados em parceria com universidades.

Nesse esforço de construção da sociedade civil e de diálogo com o poder público, o MST procura estabelecer um projeto educativo alinhado aos seus objetivos de emancipação, promovendo experiências que valorizam a educação do campo e a pedagogia da Terra.

Segundo Martins (2004), o MST deixa claro que a educação vai além das atividades desenvolvidas na escola. Na verdade, um dos elementos fundamentais da identidade do "ser Sem Terra" é a educação vivenciada no cotidiano da luta pela Reforma Agrária.

No entanto, é importante ressaltar que a educação nos assentamentos do MST nem sempre é uniforme ou padronizada, pois cada assentamento possui suas particularidades e a forma como a educação é organizada pode variar de acordo com as demandas e recursos disponíveis em cada localidade.

CURIOSIDADE

VOCE SABIA QUE



O girassol é o símbolo da Educação do Campo, pois, assim como esta flor, o trabalhador do Campo também se orienta pelo SOL.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) utiliza uma metodologia específica combinando a organização comunitária e a luta por reforma agrária. Não tem opção por este ou aquele teórico em seus documentos. Contudo percebe-se alguns marcos teóricos que fundamentam a questão educacional, principalmente, seus vínculos com as ideias socialistas. Inspirado em Paulo Freire a proposta metodológica das escolas do MST consiste em partir da realidade do estudante, valorizando a cultura e os conhecimentos trazidos por eles. Os currículos são organizados em torno de situações que exijam respostas práticas. Por isso, faz-se necessário relacionar os conteúdos com a vivência dos estudantes.

Essa prática pressupõe o processo de ensino aprendizagem com base na pesquisa e na investigação, não só de conteúdos escolares ou no processo pedagógico, mas também em relação à realidade, a comunidade escolar, aos sujeitos e as identidades dos mesmos, dos objetivos e perspectivas da comunidade escola enquanto totalidade e não somente restrita aos profissionais da educação (Martins, 2020, p.54).

Os principais elementos dessa metodologia incluem um forte investimento em educação e formação política, com o objetivo de conscientizar os trabalhadores sobre seus direitos e a importância da luta pela terra. Para isso, são promovidos cursos, seminários e atividades culturais. Além disso, o MST também se dedica à educação de jovens e adultos nos assentamentos, oferecendo cursos e programas de formação que visam à alfabetização, educação básica e profissionalização, alinhando-se às necessidades e demandas da comunidade.

Os cursos de capacitação em Educação do Campo foram conquistados pelo coletivo... O objetivo destas formações é preparar o docente para a realidade esperada pela comunidade do assentamento, principalmente, o setor de educação e direção da escola, que busca objetivar e intensificar a identidade camponesa por meio do processo de ensino aprendizagem (Bueno;Paglia, 2013p.207).

A EDUCAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS

12

A educação nos assentamentos do MST também é marcada pela participação comunitária. Os assentados são incentivados a participar da gestão das escolas e a se envolver nas atividades educativas, promovendo uma educação mais democrática e participativa.

Após a conquista das terras, o MST incentiva a formação de cooperativas, incentivando a produção em conjunto e a autossuficiência. A ideia é que as famílias agricultoras possam trabalhar de forma coletiva, aumentando a produção e melhorando a renda. Assim, toda a vivência dentro dos assentamentos é considerada educativa e permeia as atividades ocorridas em sala de aula.



SIMBOLOS DO MST

Cada cor e cada desenho escolhido para estar presente na bandeira têm um significado especial. Vamos conhecê-los?



BANDEIRA



Cor vermelha: representa o sangue que corre nas nossas veias de cada trabalhadora e trabalhador e a disposição de lutar pela Reforma Agrária, pela transformação da sociedade;

Cor branca: representa a paz, que somente será conquistada quando houver justiça social;

Cor preta: representa nosso luto e a nossa homenagem a todos as trabalhadoras e trabalhadores, que tombaram na luta pela nova sociedade;

Facão: representa a ferramenta de trabalho, de luta e de resistência. Ele ultrapassa o mapa para indicar que o movimento é internacionalista;

Mapa do Brasil: representa a luta nacional dos Sem Terra e a necessidade de que a Reforma Agrária deve acontecer em todo o país;

Cor verde: representa a esperança das trabalhadoras e trabalhadores Sem Terra quanto a vitória de cada latifúndio que conquistamos;

Trabalhadora e Trabalhador: representa a necessidade da luta ser feita por mulheres e homens, pelas famílias inteiras.

Letra: Ademar Bogo / **Música:** Willy C. de Oliveira

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

**Vem, lutemos punho erguido
Nossa força nos faz a edificar
Nossa pátria livre e forte
construída pelo poder popular**

Braço erguido ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Vem, lutemos punho erguido...

Nossa força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária e camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Vem, lutemos punho erguido...

 **LONA PRETA**

A lona preta é mais do que uma barraca, é um rito de passagem, um símbolo presente na transição entre o acampamento e o assentamento das famílias Sem Terra, o caminho para a conquista da terra. É o retrato da luta cotidiana do Movimento contra o latifúndio, a segregação e as injustiças sociais que tanto castigam esse país.

SAIBA MAIS...

<https://mst.org.br/nossos-simbolos>.
<https://www.youtube.com/watch?v=5mD78TzzbmA>.

Os princípios pedagógicos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) são fundamentais para a formação de lideranças e a conscientização dos trabalhadores rurais. Esses princípios orientam as práticas educativas do movimento e visam promover uma educação crítica, transformadora e voltada para a realidade do campo.

Este sem-terra formado pela dinâmica da luta pela Reforma Agrária, e do MST, pode ser entendido também como um novo sujeito sociocultural, ou seja, uma coletividade cujas ações cotidianas, ligadas a uma luta social concreta, estão produzindo elementos de um tipo de cultura que não corresponde aos padrões sociais e culturais hegemônicos na sociedade capitalista atual, e na brasileira em particular, inscrevendo-se no que poderíamos talvez chamar de um movimento sociocultural que reflete e prepara mudanças sociais mais profundas (Caldart, 2000, p. 26).

Esses princípios pedagógicos são a base da atuação do MST e refletem seu compromisso com a justiça social, a dignidade humana e a transformação da realidade rural no Brasil. A educação, para o movimento, é uma ferramenta essencial na luta pela reforma agrária e pelos direitos dos trabalhadores rurais.

ALGUNS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS IMPORTANTES:

Educação Popular	A educação no MST valoriza a experiência e o conhecimento dos trabalhadores, visando que sejam protagonistas de seu aprendizado e desenvolvam habilidades para lutar por direitos.
Conscientização Crítica	Foco na conscientização sobre a realidade social, econômica e política, através de debates e reflexões que ajudam a compreender as causas das desigualdades e a luta coletiva.
Relação entre Prática e Teoria	Defende a interligação entre teoria e prática com aulas complementadas por experiências práticas no campo, mostrando a aplicação do conhecimento na vida cotidiana.
Coletividade	Valoriza a troca de experiências e aprendizado em grupo, promovendo solidariedade e construção de uma identidade coletiva entre os trabalhadores.
Agroecologia e Sustentabilidade	Enfatiza práticas agroecológicas e a importância da sustentabilidade, conscientizando sobre a relação entre agricultura, saúde e ecologia, além de promover alimentos saudáveis.
Formação de Lideranças	Busca formar lideranças que representam os trabalhadores e atuem na luta por direitos empoderando indivíduos para a ação política e social.
Construção de Uma Nova Sociedade	Tem caráter emancipatório, visando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, com a visão compartilhada de uma distribuição equitativa da terra e seus frutos.

→ PARA SABER MAIS ←

<https://mst.org.br/biblioteca-da-questao-agraria>.

MARTINS, F. J. Gestão democrática e ocupação da escola: O MST e a Educação. Porto Alegre: EST, 2004.

EDUCAÇÃO RURAL, NO CAMPO OU DO CAMPO?

As terminologias "Educação Rural," "Educação no Campo" e "Educação do Campo" têm significados distintos, embora relacionados. Essas distinções são importantes para entender as diferentes abordagens e objetivos no contexto da educação para populações rurais.

Falar de Educação do Campo é falar de uma nova perspectiva de produção da existência na zona rural, que vai desde a produção agrícola até a cultura camponesa. Indubitavelmente para a consolidação dessa nova perspectiva, o primeiro elemento de conflito a ser superado é a dicotomia existente entre campo e cidade (Martins, 2020, p.96).

PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE ELAS:

Termo	Descrição
Educação Rural	Abrevia todo o contexto educacional em áreas rurais, sendo considerada uma extensão da escola urbana.
Educação no Campo	Foca na educação formal em escolas rurais, adaptando o currículo ao contexto local, mas não considera as especificidades dos camponeses.
Educação do Campo	Enfatiza saberes e práticas locais, integrando a experiência da comunidade e promovendo uma formação crítica e emancipatória considerando as especificidades dos sujeitos do campo.

SAIBA MAIS...



A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Nas Diretrizes Curriculares da Educação do Campo do Estado do Paraná (2010), a concepção de "campo" é moldada pela perspectiva dos movimentos sociais que surgiram no final do século XX.

Essa abordagem destaca a identidade e a cultura dos povos rurais, reconhecendo-os como sujeitos que mantêm laços culturais profundos e valores intrinsecamente relacionados à terra. Assim, o campo é entendido não apenas como um espaço de trabalho, mas também como um território de cultura e produção de conhecimento, essencial para a existência e sobrevivência das comunidades que nele habitam.

A Educação do Campo traduz a luta popular por uma escola pública de direito e de qualidade no campo, para os sujeitos que vivem nesse espaço, visto que as pessoas precisam ser educadas no ambiente onde vivem. A mesma se preocupa com a formação de seres humanos, especificamente com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo, levando em consideração sua história, sua cultura e as lutas sociais. (Bem; Silva, 2020, p.415).

A Educação do Campo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico das comunidades rurais. Ela é essencial para a promoção de uma sociedade mais justa e sustentável, contribuindo para o desenvolvimento integral das comunidades rurais e o fortalecimento de sua identidade.

CURIOSIDADE



O termo educação do campo surgiu a partir do ano de 1998, como resultado do I ENERA - Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária e da I Conferência Nacional por Uma Educação do Campo, realizada em Luiziânia, Goiás, no ano de 1998.



ASPECTOS IMPORTANTES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO :

As contribuições de Martins (2020) complementam aqui a fundamentação de aspectos históricos da Educação do Campo, referindo-se ao conjunto de apoiadores que impulsionaram os ideais do movimento.

O marco histórico da Educação do Campo é a I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, em 1998, que, além dos movimentos sociais ligados ao campo, tem instituições envolvidas com a temática e já parceiras na condição de apoiadoras como é o caso da Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO) do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), além da própria Universidade de Brasília (UnB) que sediou o evento entre outras. (p. 24).

O Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (1998) foi um momento de análise e reflexão sobre o descaso por parte do Estado em relação à educação nos assentamentos e acampamentos, assim como nas demais comunidades camponesas. A partir dessas reflexões surgiram outras ideias culminando no Manifesto dos Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (2015).

Aspecto	Descrição
Documento	Manifesto dos Educadores da Reforma Agrária (2015)
Origem	Surgiu das preocupações de educadores envolvidos na reforma agrária no Brasil.
Objetivo	Destacar a importância da educação no processo de reforma agrária, promovendo desenvolvimento pessoal e comunitário.
Temas abordados	<ul style="list-style-type: none">- Qualidade e Acesso à Educação: Garantia de educação de qualidade nas áreas rurais.- Currículo e Formação: Adaptação do currículo às realidades locais e valorização do saber local.- Participação Comunitária: Envolvimento das comunidades no processo educacional.- Sustentabilidade e Inclusão: Integração da educação com práticas sustentáveis e inclusivas
Visão Geral	Promover uma reforma agrária integrada, com a educação como papel central na construção de uma sociedade justa.

A identidade da escola do campo é formada por diversos elementos. Primeiramente, ela valoriza as práticas e saberes locais, integrando a cultura da comunidade ao currículo. Além disso, promove a participação da comunidade na gestão escolar, fortalecendo laços sociais.

Tratando - se dos povos do campo, para que os trabalhadores tivessem consciência social e política, elaboraram e realizaram encontros, cursos, seminários, conferências, entre outros. No campo, investiram na educação das crianças, jovens e adultos, por meio de projetos pedagógicos pensados por equipes preparadas pelos próprios trabalhadores em Movimento, com apoio de professores de diferentes universidades de vários estados do Brasil. (Amboni; Brandão, 2021, p.247).

As raízes históricas da formação da sociedade brasileira vêm do campo. Atualmente, o cenário brasileiro forja uma identidade urbana, voltada para o progresso e o desenvolvimento do país, mesmo que uma boa parte da população ainda esteja localizada no campo. Por muito tempo, o campo foi visto como um lugar de atraso, inferior e arcaico, reforçando a ideia de que a cidade é a única alternativa para o desenvolvimento econômico da sociedade.

A escola acentua a figura do homem do campo como um “caipira”, “bicho do mato” e coloca como função educativa a necessidade de “civilizar” o homem do campo. O que é realizado com a impregnação subjetiva de que a cidade é o local onde a criança vai realmente se desenvolver. Isso quando o poder público e a organização do sistema escolar não fazem a transposição direta de realidades, com o transporte escolar que extrai a criança do campo, em um ônibus em condições questionáveis, para estudar na cidade (Martins, 2020, p.96).

O campo se caracteriza como um espaço de democratização da sociedade brasileira e inclusão social, onde seus habitantes são projetados como protagonistas de sua história. Eles se afirmam como sujeitos coletivos, exercendo direitos e moldando sua formação social, cultural, ética e política. A abordagem pedagógica é contextualizada, considerando as realidades do campo, como a agricultura e a convivência com a natureza. Por fim, a escola do campo busca garantir a inclusão e o respeito à diversidade, promovendo um ambiente educativo que empodera os estudantes como agentes de transformação.

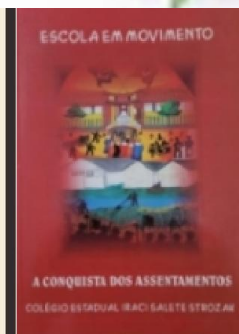
KOLLING, E. J. CERIOLI, P. R. OFS CALDART, R. S. (orgs.) Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.4.



ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. de F. A. Tempo Escola e Tempo Comunidade: Territórios da Educação do Campo. In ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. de F. A.; MARTINS, A. A. (orgs). Territórios Educativos na Educação do Campo: Escola, Comunidade e Movimentos Sociais. 2º ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2012



COLÉGIO ESTADUAL IRACI SALETE STROZAK. Escola em movimento: A conquista dos Assentamentos. 1º ed. Rio Bonito do Iguaçu - Paraná, 2017.



Adaptar o ensino para atender às necessidades de todos os estudantes é fundamental para promover uma educação inclusiva e equitativa. Com a diversidade de habilidades, estilos de aprendizagem e necessidades específicas nas salas de aula, é essencial implementar métodos e práticas que garantam que cada estudante tenha a oportunidade de aprender e se desenvolver ao máximo.



DICAS IMPORTANTES!!!

- ✓ **Adaptar o Conteúdo:** Ofereça diferentes níveis de dificuldade no material didático. Por exemplo, você pode fornecer textos com diferentes níveis de complexidade ou usar recursos visuais para complementar a leitura.
- ✓ **Diversificar Métodos de Ensino:** Utilize uma variedade de métodos, como instrução direta, aprendizagem baseada em projetos, jogos educacionais e discussões em grupo. Isso ajuda a atender diferentes estilos de aprendizagem.
- ✓ **Avaliações Adaptadas:** Crie avaliações diversificadas que permitem aos estudantes demonstrar seu conhecimento de diferentes maneiras, como apresentações orais, trabalhos escritos ou projetos práticos.

Ao adotar essas práticas, os educadores podem criar um ambiente de aprendizagem que respeita e valoriza a diversidade, garantindo que todos os estudantes tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal.



A educação inclusiva é fundamental para promover a equidade entre estudantes de diferentes origens, especialmente em assentamentos de trabalhadores sem terra. Nesses ambientes, é essencial considerar as especificidades culturais e sociais do campo, oferecendo uma educação que reflita a realidade dos estudantes.

(Brasil, 2015).

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS



A educação inclusiva respeita a diversidade cultural, social e econômica dos estudantes.



Promove a participação ativa de todos, independentemente de suas condições sociais.



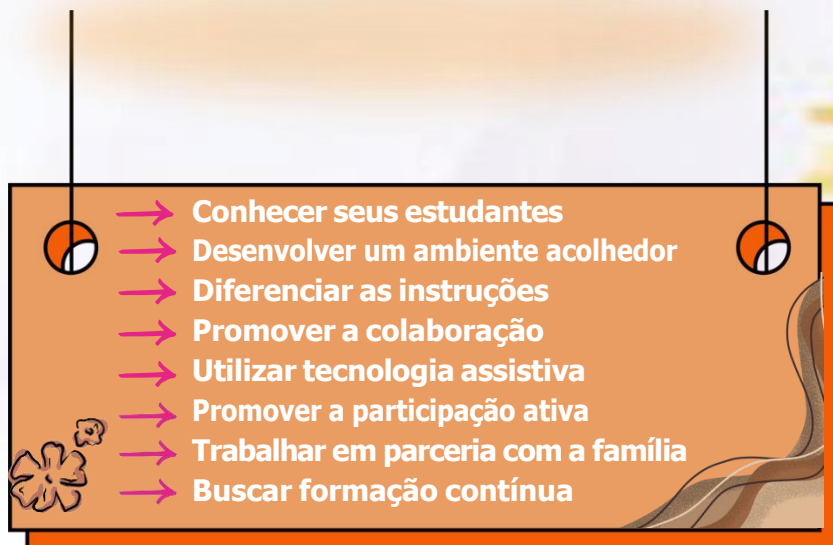
Valoriza o conhecimento prévio dos estudantes como base para novas aprendizagens.

ASPECTOS IMPORTANTES DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Acessibilidade	Garantir que as escolas sejam fisicamente acessíveis e que haja adaptações curriculares que atendam às necessidades de todos os alunos.
Formação de professores	Capacitar educadores para lidar com a diversidade na sala de aula e implementar práticas pedagógicas inclusivas.
Currículo diversificado	Incorporar conteúdos que respeitem e valorizem a cultura local, facilitando a inclusão de todos os alunos.
Participação da comunidade	Envolver pais e membros da comunidade no processo educacional, fortalecendo a rede de apoio às crianças.

CONSIDERAÇÕES PARA PRÁTICA INCLUSIVA

Desenvolver uma prática inclusiva em sala de aula envolve a criação de um ambiente em que todos os estudantes se sintam valorizados, respeitados e incluídos (Brasil, 2015) e faz-se necessário ressaltar algumas considerações, como:



A Educação Inclusiva no campo é uma abordagem que visa não apenas a integração, mas também a valorização das diferenças, promovendo um ambiente de aprendizado equitativo e acolhedor para todos.



SAIBA MAIS...

ALGUMAS ESTRATÉGIAS IMPORTANTES

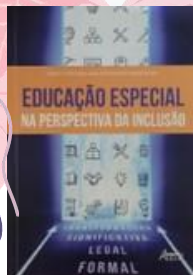
Formação Continuada dos Educadores	Professores devem receber formação sobre diversidade, inclusão e métodos pedagógicos diferenciados, através de cursos, workshops e palestras para entender as necessidades dos alunos e aplicar estratégias inclusivas.
Adaptação Curricular	Modificação do currículo para atender diversas necessidades dos alunos, incluindo alterações de conteúdos, diferentes formatos de avaliação e atividades que considerem estilos de aprendizagem variados.
Ambiente Acessível	A escola deve ser fisicamente acessível, garantindo que salas de aula, banheiros e áreas de lazer sejam adaptados para estudantes com mobilidade reduzida e outros tipos de deficiência.
Trabalho Colaborativo	Promover a colaboração entre alunos por meio de atividades em grupo, projetos interdisciplinares e jogos cooperativos para desenvolver empatia e compreensão, criando um ambiente inclusivo.
Uso de Tecnologias Assistivas	Utilização de tecnologias como softwares de leitura, aplicativos educacionais e dispositivos adaptados para facilitar o aprendizado de estudantes com dificuldades.
Participação da Comunidade	Inclusão de pais, responsáveis e profissionais de saúde no processo educativo, promovendo a troca de experiências e informações para enriquecer a abordagem inclusiva da escola.
Valorização da Diversidade	Promoção da valorização das diferenças na sala de aula por meio de debates, projetos de pesquisa sobre culturas diversas e celebração de datas e eventos que reconheçam a diversidade.
Avaliação Contínua	Implementação de um sistema de avaliação que considere o progresso individual, adaptando avaliações às necessidades e capacidades de cada estudante, garantindo que todos possam demonstrar seu aprendizado.
Fomentar uma Cultura Inclusiva	Desenvolvimento de uma cultura escolar com valores de respeito, empatia e solidariedade, através de campanhas de conscientização e discussões abertas sobre inclusão para que todos se sintam parte da comunidade escolar.

AMPLIE SEUS ESTUDOS...



MANTOAN, M. T. E. ARANTES, V. A. *Inclusão Escolar: o que é? por quê? Como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.

MARCELINO, A. C. K. B. *Educação Especial na Perspectiva da Inclusão*. 1. ed. - Curitiba: Appris, 2023.



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O CAMPO:

Em assentamentos, onde a diversidade e as especificidades culturais e sociais são marcantes, algumas práticas promovem a inclusão e a participação ativa dos estudantes e fortalecem a identidade e a cultura da comunidade.

Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender. Educador e educando devem negar a passividade, o “depósito” de conteúdos em um “recipiente vazio”. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 1996, p. 20)

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

- Uso de metodologias ativas que incentivem a participação dos estudantes.
- Integração de temas relacionados ao meio ambiente, à agricultura e agroecologia.
- Promoção da troca de experiências entre os estudantes, valorizando suas vivências.



EXEMPLOS DE METODOLOGIAS EFICAZES:

25

✓ **Aprendizagem Baseada em Projetos:** Essa abordagem permite que os estudantes se envolvam em projetos que abordem questões reais da comunidade, como agricultura sustentável ou saúde. Os estudantes trabalham em grupos, investigando e buscando soluções para problemas locais, o que favorece o desenvolvimento de habilidades práticas e a colaboração.

✓ **Educação Contextualizada:** Essa prática envolve a incorporação de conhecimentos e práticas locais no currículo. Os professores podem usar temas do cotidiano dos estudantes, como a cultura local, a produção agrícola e as tradições, para criar aulas mais relevantes e significativas, conectando o aprendizado à realidade dos estudantes.

✓ **Aprendizagem entre pares:** A aprendizagem entre pares, também conhecida como "aprendizagem colaborativa" ou "aprendizagem entre colegas," é um método educacional em que estudantes colaboram uns com os outros para adquirir e aprofundar conhecimentos.



CONHEÇA MAIS!

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNIOR, Carlos Roberto da Silveira. Sala de aula invertida. Disponível em: <https://fg.edu.br/>. Acesso em 24/ set /2024.

ROCHA, Maria Isabel Antunes Licenciatura em educação do campo: histórico e projeto político-pedagógico In: ROCHA, Maria Isabel Antunes; MARTINS, Aracy Alves. (orgs). Educação do Campo: desafios para a formação de professores, 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2011, p.39-55.

SILVA, A. F. da A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física / (org.) Adilson Florentino da Silva, Ana de Lourdes Barbosa de Castro, Maria Cristina Mello Castelo Branco.- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica>. Acesso em 25/ Abr / 2024.

SOUZA, Maria Antonia de. Educação do campo: proposta e prática pedagógica do MST, 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

COMO ORGANIZAR UMA AULA INCLUSIVA

A inclusão é um processo contínuo e em constante evolução. É fundamental estar aberto a ajustar seu planejamento e abordagem sempre que necessário, a fim de garantir que todos os estudantes sejam acolhidos e tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

As aulas são planejadas em conjunto; a escola é pensada no seu todo. Todos conhecem seus educandos como a palma de suas mãos. Esses educadores integram o MST por perceberem que há um projeto social que lhes possibilita crescer, estudar, trabalhar, dando assim um novo significado para suas vidas.(Camini, 2009, p. 290-291).

Ao planejar uma aula inclusiva, é essencial considerar cuidadosamente as necessidades e habilidades de cada estudante, independentemente de suas origens ou características individuais. Essa atenção ao contexto diverso de cada estudante enriquece a experiência de aprendizado e promove um ambiente mais equitativo.



SAIBA MAIS...

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A formação adequada de professores é fundamental para criar um ambiente escolar que valorize e promova a inclusão, resultando em experiências de aprendizado mais ricas e acessíveis para todos os estudantes, tais como:



Capacitação contínua em metodologias inclusivas é essencial para o sucesso da educação no campo.



Os professores devem entender e valorizar a cultura local de seus estudantes.



Trocas de experiências entre educadores são fundamentais para aprimorar as práticas pedagógicas.



DICAS IMPORTANTES:



Conheça seus estudantes:

Antes de começar a planejar, é importante conhecer cada um dos seus estudantes individualmente. Isso pode incluir conhecer suas habilidades, necessidades especiais, interesses e estilos de aprendizagem. Isso ajudará você a adaptar a aula de acordo com as necessidades de todos.



Estabeleça metas claras:

Defina metas claras e realistas para a aula que atendam às necessidades de todos os estudantes. Certifique-se de que suas metas sejam alcançáveis e apropriadas para o nível de desenvolvimento de cada um.

➔ **Utilize uma variedade de materiais e recursos:**

Procure utilizar uma ampla variedade de materiais e recursos que atendam às diversas especificidades dos estudantes. Isso pode incluir textos escritos, materiais visuais, vídeos, atividades práticas, entre outros. Certifique-se de que os recursos sejam acessíveis a todos.

➔ **Promova a participação ativa:**

Incentive a participação ativa garantindo que todos os estudantes tenham a oportunidade de contribuir e compartilhar ideias. Use estratégias como o trabalho em grupo, discussões em sala de aula, atividades práticas e de pesquisa que envolva a todos.

➔ **Adapte as atividades e avaliações:**

Faça as adaptações necessárias nas atividades e avaliações para atender às necessidades individuais dos estudantes. Isso pode incluir a redução de tarefas, fornecer instruções claras, oferecer suporte adicional durante as atividades, entre outros.

➔ **Garanta acessibilidade:**

Garanta que a sala de aula seja acessível a todos. Considere a organização física do espaço, a disponibilidade de materiais em formatos adequados, como braille ou áudio, e se necessário, a utilização de tecnologia assistiva.

➔ **Colabore com outros profissionais:**

Trabalhe de forma colaborativa com professores AEE, da Sala de Recursos, terapeutas, psicólogos e pais, para garantir que as necessidades individuais dos estudantes sejam atendidas de forma adequada.

➔ **Pratique a igualdade e a diversidade:**

Promova uma cultura inclusiva e respeitosa em sala de aula, onde todos sintam -se seguros, valorizados e respeitados. Celebre a diversidade e estimule o respeito pelas diferenças entre os estudantes.

A FORMAÇÃO PODE IMPACTAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA ATRAVÉS:

29

- **Desenvolvimento de Competências Específicas** - Professores capacitados em estratégias de ensino inclusivo aprendem a identificar e atender às necessidades de todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências ou dificuldades de aprendizado. Isso inclui o uso de adaptações curriculares e metodologias diversificadas.
- **Sensibilização e Empatia** - Programas de formação que abordam questões de diversidade e inclusão ajudam os professores a desenvolver uma compreensão mais profunda das barreiras enfrentadas por estudantes de diferentes origens. Isso fomenta um ambiente de empatia e respeito.
- **Estratégias de Colaboração** - A formação pode capacitar educadores a aplicar técnicas de trabalho colaborativo que envolvam pais e a comunidade. Professores que dominam essas habilidades têm a oportunidade de construir uma rede de apoio mais eficaz para os estudantes, promovendo um ambiente educacional mais enriquecedor.
- **Abordagem Interdisciplinar** - A educação inclusiva frequentemente requer uma abordagem interdisciplinar. A formação que integra diferentes áreas do conhecimento permite que os professores desenvolvam projetos que atendam às necessidades diversas dos estudantes.
- **Uso de Recursos Locais** - Capacitar professores a identificar e utilizar recursos disponíveis na comunidade — como saberes locais e práticas culturais — enriquece o processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais relevante e contextualizado.

Os sujeitos coletivos, que lutam pela terra e pela educação, demandam das instituições formadoras uma transformação nas estratégias de socialização e produção de conhecimento. Exigem tornarem-se partícipes desses processos, trazendo seus saberes e fazeres para dialogar com os conhecimentos científicos, na perspectiva de produzir, a partir desse encontro, um novo conhecimento, que os auxiliem na interpretação crítica da realidade e, principalmente, na sua intervenção sobre ela (Michelotti; Pereira, 2012, p.243).



SUGESTÕES DE COMO DESENVOLVER UMA AVALIAÇÃO INCLUSIVA

- ➔ A avaliação deve considerar as diversidades de aprendizado dos estudantes do campo.
- ➔ Métodos alternativos de avaliação, como portfólios, podem ser mais eficazes.
- ➔ Feedback construtivo e contínuo para os estudantes é essencial para seu desenvolvimento.

LEITURAS ADICIONAIS



CAMINI, I. Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola. 1° ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MST. Setor de Formação. Fevereiro, 2015.

RIBEIRO, Marlene. Movimento Camponês: trabalho e educação. 1° ed. Expressão Popular: São Paulo, 2010.

FARIAS, M. I.; SILVA, V.; ORTIZ, D. H.; VERGARA, E.; FIDELIS, L. de M.; FAGUNDES, M. C. V.; HOELLER, S. C. Experienciando a Educação do Campo. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.



CONCLUSÕES

É importante destacar que a evolução da educação nos assentamentos do MST não se restringe à oferta de escolarização, mas também inclui a formação política dos trabalhadores rurais. O MST valoriza a educação como um instrumento fundamental para a conscientização e organização da classe trabalhadora, buscando formar lideranças capazes de lutar por seus direitos e promover transformações sociais mais amplas.

IMPORTANTE

- ➡ **A educação inclusiva é um direito de todos os estudantes.**
- ➡ **As práticas pedagógicas devem respeitar a diversidade e as especificidades do campo.**
- ➡ **Professores bem formados são fundamentais para o sucesso dessas práticas.**
- ➡ **A avaliação inclusiva promove um ambiente de aprendizagem mais justo.**

SUGESTÕES DE FILMES E VÍDEOS

Cordas (2014)

<https://youtu.be/mGK-MoDqNSQ>

Sempre amigos (1998)

<https://youtu.be/9f2TNbasMGs>

Uma lição de amor (2001).

<https://youtu.be/FHePPdyQqOU>

Quem somos? MST.

<https://youtu.be/YiWrvvX2edY>

Concepção de Educação no MST.

<https://youtu.be/-0EifxdCpJE>

Ouriço - acolhimento

<https://youtu.be/r4EqESNuUv0?si=zixQbU8nSLOnyZf>



AMBONI, Vanderlei; BRANDÃO, Elias Canuto. Educação do Campo como resposta à educação rural no Brasil. In CRESTANI, L. de A.; ROMPATTO, M. (orgs). Territorialidades Camponesas no Noroeste do Paraná. Cascavel PR: FAG, 2021.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagana. (Org.). Por uma educação do campo. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2011. p. 7-18.

BEM, Geralda Maria de; SILVA, Cícero Nilton Moreira da. Educação do Campo e sua trajetória no ensino em Pau dos Ferros - RN. Dossiê: Educação do Campo - processos formativos no Espírito Santo e no Brasil, 2020.

BUENO, Cimara de Godoy; PAGLIA, Edmilson Cezar. Implantação da Escola no Assentamento 08 de Abril - Uma experiência que está dando certo. In FARIAS, M, I.; SILVA, V.; ORTIZ, D. H.; VERGARA, E.; FIDELIS, L. de M.; FAGUNDES, M. C. V.; HOELLER, S. C. Experienciando a Educação do Campo. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

BRASIL, Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de Abril de 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em >Acesso em 08 de agosto de 2023. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694>.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia da Terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAMINI, I. Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma Caminhada In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagana (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2011. p. 133-145.

Territórios da educação do campo In: ROCHA, Maria Isabel Antunes; MARTINS, Maria de Fatima; MARTINS, Aracy Alves. (orgs). Território Educativos na Educação do Campo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2012, p.15-20.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTINS, F.J. Gestão democrática e ocupação da escola: O MST e a Educação. Porto Alegre: EST, 2004.

MARTINS, F. J. A escola e a Educação do Campo. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

MICHELOTTI, F.; PEREIRA, G. C. A Alternância de Tempos e Espaços Educativos na Turma de Agronomia em Parceria MST, PRONERA e UFPA - Campus de Marabá. In ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. de F. A.; MARTINS, A. A. (orgs). Territórios Educativos na Educação do Campo: Escola, Comunidade e Movimentos Sociais. 2º ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2012.

NOZU, W. C. S. Entre Processos Marginais e Lutas Transversais: A Escolarização de Alunos camponeses com Deficiências. In Santos, A. R. dos; Nunes, C. P.; Silva, D., O. V. da (orgs) O Protagonismo da Educação do Campo em debate: políticas e práticas. Salvador: EDUFBA, 2020.